

A polêmica sobre os transgênicos: Monsanto vs. MST / *The polemic about transgenic: Monsanto vs. MST*

*Anna Flora Brunelli**

RESUMO

Neste trabalho, adotando uma perspectiva discursiva, analisamos alguns aspectos do diálogo que se trava, no Brasil, entre o discurso pró e o anti-transgênicos, procurando evidenciar as relações dialógicas que cada um deles estabelece com outros discursos. Assim, notamos que o discurso anti-transgênicos, que polemiza abertamente com o pró-transgênicos, se constrói a partir do discurso político de esquerda e do discurso científico. Já o discurso pró-transgênicos se constrói a partir do discurso científico e polemiza veladamente com o seu outro.

PALAVRAS-CHAVE: Polêmica; Transgênicos; Relações dialógicas

ABSTRACT

Based on a discursive perspective, in this paper we analyze some aspects of the dialogue between the discourse in favor of and the one against transgenics in Brazil, by showing the dialogic relations that each of them engages with other discourses. We noticed that the anti-transgenics discourse, which opposes openly the pro-transgenics trend, has been built upon both the scientific and the leftist political discourses, whereas the pro-transgenics discourse has been constructed upon the scientific discourse and covertly polemicalizes with its other.

KEY-WORDS: *Polemic; Transgenic; Dialogic relations*

*Professora da Universidade Estadual Paulista – UNESP, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil; anna@ibilce.unesp.br

Introdução

Neste trabalho, adotando uma perspectiva discursiva, analisamos alguns aspectos relativos às discussões sobre a adoção dos organismos geneticamente modificados, os OMGs, também conhecidos como transgênicos. No Brasil, assim como em outras partes do mundo, o tema é bastante controverso e vários segmentos da nossa sociedade têm se manifestado, assumindo posturas antagônicas: alguns são radicalmente contra a comercialização de sementes e de produtos derivados de transgênicos, como o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), e outros estão veementemente a favor, como é o caso da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento.

Como se trata de uma questão bastante polêmica, entendemos que esse é um tema interessante e propício não só para um estudo desenvolvido sob o ponto de vista discursivo como também para uma investigação centrada na relação que os discursos estabelecem entre si.

Desse modo, neste trabalho, considerando o debate sobre os transgênicos, analisamos o diálogo (no sentido bakhtiniano do termo) que se trava, no país, entre o discurso pró- e o antitransgênicos. Para tanto, investigamos alguns textos que são representativos desses discursos e que circulam/ram recentemente na *internet* sobre o tema. Nossa opção pelos textos da rede se justifica em função do seu grande alcance e fácil acesso. Para análise do discurso antitransgênicos, analisamos os textos sobre o tema que o MST disponibilizou em seu *site* de 2001 até 2005.

O MST é uma organização que apoia a “Campanha por um Brasil Livre de Transgênicos”, idealizada por um conjunto de ONGs que são contrárias ao plantio e à comercialização de transgênicos. Embora haja outras fontes que divulgaram essa campanha, nossa escolha pelo *site* do MST se justificou em função da grande quantidade de textos disponibilizados no momento de formarmos o *corpus* da pesquisa. Além disso, o *site* também manteve os textos durante um bom período de tempo (pelo menos dois anos), ao contrário de outros, que eram constantemente atualizados e cujos textos estavam disponíveis por um espaço de tempo menor.

Assim, o *corpus* foi constituído pelos 36 textos¹ que o MST disponibilizou em seu *site* no link “campanhas/transgênicos”, no período que se estendeu do final de 2001 até o final de 2005. A maior parte dos textos é de 2003, quando o debate sobre a questão se tornou mais intenso em função da edição das medidas provisórias 113 e 131, relativas à produção e a comercialização dos transgênicos, posteriormente convertidas em leis (Lei 10. 688, de 13 de junho de 2003 e Lei 10.814, de 15 de dezembro de 2003)².

Para a análise do discurso pró-transgênicos, selecionamos os textos que a Monsanto disponibiliza sobre o tema em seu *site*³. A Monsanto é uma empresa multinacional de produtos agropecuários que detém, praticamente, o monopólio dos transgênicos no Brasil e, por isso, é o alvo de campanhas contrárias ao uso dos transgênicos na agricultura no país, o que justifica o fato de termos selecionado os seus textos para análise.

1 Aparato teórico-metodológico

Para desenvolvermos a análise do material em questão, baseamo-nos no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso francesa (AD, doravante). Na literatura da AD, o interdiscurso tem sido um dos focos de atenção, desde que a tese da heterogeneidade transformou a concepção de discurso, tornando-a mais complexa. De modo geral, essa tese diz respeito ao fato de que os discursos são heterogêneos em sua constituição, uma vez que são produtos do interdiscurso. Conseqüentemente, um discurso qualquer não deve ser entendido como se fosse um conjunto autossuficiente de enunciados, oposto a um provável exterior; na verdade, um discurso é sempre um modo de organização de sua relação com outros discursos. Como o interdiscurso é o responsável por uma constante re-configuração dos discursos, cada discurso deve ser entendido "como o lugar de um trabalho no interdiscurso" (MAINGUENEAU, 1989, p. 113).

¹ Esses textos estavam disponíveis no *site* do MST, no link “transgênicos”, que se encontrava dentro do link “campanhas” [<http://www.mst.org.br/campanha/transgenicos/indice.html>], até o final de 2005. Atualmente, nesse *site*, os textos do *corpus* não podem mais ser acessados, mas há outros disponíveis em: [<http://www.mst.org.br/especiais/8>].

² Esse aumento da quantidade de textos no período em questão, isto é, no período em que foram editadas duas medidas provisórias importantes para a produção de transgênicos, parece indicar que um discurso não deve ser analisado como produto só de uma certa memória, mas mantém uma relação relevante com a história, isto é, com as suas condições de produção extradiscursivas.

³ Disponível em: [<http://www.monsanto.com.br>].

Para analisarmos a heterogeneidade dos discursos, baseamo-nos também nas reflexões desenvolvidas por Bakhtin e o Círculo, considerando especialmente o modo como a questão do interdiscurso é tratada. Assim, destacamos o conceito de dialogismo. O dialogismo, modo de funcionamento real da linguagem, equivale justamente à tese de que o discurso se constitui a partir de outros discursos, isto é, em sua interação com eles. Daí deriva a noção de responsividade, que diz respeito à propriedade de todo enunciado de responder a outros, reais ou virtuais, em circulação em um dado momento sócio-histórico.

Embora as fronteiras dos enunciados sejam delimitadas pela alternância dos sujeitos falantes, como esclarece Fiorin (2006), não existe dialogismo entre interlocutores, pois o interlocutor só existe enquanto discurso. Por isso, o dialogismo se dá sempre entre discursos, que podem estabelecer entre si vários tipos de relações de sentido, chamadas relações dialógicas: relações de entendimento e de divergência, de acordo e de recusa, de reconhecimento ou de silenciamento, etc. Na verdade, segundo Faraco (2003), as relações dialógicas são, essencialmente, espaços de tensão entre enunciados, pois até mesmo a

responsividade caracterizada pela adesão incondicional ao dizer de outrem se faz no ponto de tensão deste dizer com outros dizeres (outras vozes sociais): aceitar *incondicionalmente um enunciado (e sua respectiva voz social) é também implicitamente (ou mesmo explicitamente) recusar outros enunciados (outras vozes sociais)* que podem se opor dialogicamente a ela (2003, p.67; grifo nosso).

Sendo assim, do ponto de vista constitutivo, todo enunciado é uma unidade contraditória, fruto da tensão de pelo menos duas vozes sociais. Consequentemente, o diálogo entre enunciados, desse ponto de vista, deve ser entendido como um espaço de luta entre vozes sociais.

Diante do exposto, neste trabalho, investigamos alguns aspectos relativos ao debate divulgado nos *sites* citados sobre os organismos geneticamente modificados (os OMGs), tendo como foco as relações de tensão (dialógicas) que há entre os discursos envolvidos nesse debate.

2 Análise do discurso antitransgênico

Conforme já mencionado, no momento de constituição do *corpus* deste trabalho, a campanha do MST contra os transgênicos desenvolveu-se por meio dos 36 textos que disponibilizou em seu *site*, no *link* “transgênicos”, dentro do *link* “campanhas”. Do ponto de vista do gênero, trata-se de um material consideravelmente heterogêneo, pois, apesar de haver muitos artigos de jornal (de fontes diversas, algumas inclusive não-identificadas), há também cartas, listas (expondo razões para ser contra os transgênicos e lista de produtos transgênicos), entrevistas e textos mais heterogêneos, cuja classificação não é óbvia⁴, pois divulgam alguma notícia sobre os transgênicos articulando-a ora a um convite (para participar de algum ato da Campanha), ora a uma mensagem contra a liberação dos transgênicos a ser enviada a deputados e senadores.

Na maior parte desses textos, percebemos um discurso claramente contrário aos transgênicos. Mas há também um ou outro texto nos quais esse discurso não é evidente (por exemplo, há um pequeno texto no qual se informa que a Monsanto havia fechado um trimestre fiscal com um prejuízo de 188 milhões de dólares); apesar disso, esses textos também estão a serviço desse discurso, tendo em vista as relações que estabelecem com os outros textos veiculados concomitantemente na campanha, a despeito da leitura que podemos fazer deles se considerados de forma independente. Assim, no caso em questão, saber que a Monsanto teve prejuízo é relevante para entender os seus interesses na liberação do plantio e do comércio dos transgênicos no país. Esse diálogo entre os textos da campanha nos remete a questões relativas ao fenômeno da citação.

Como sabemos, uma das características constitutivas da citação é o fato de que um enunciado de um texto qualquer, ao ser citado por outro texto, já não é mais o mesmo, tendo em vista que o fenômeno da citação não equivale a uma simples operação de transcrição literal de enunciados. Na verdade, a citação sempre provoca alguma alteração no significado do enunciado citado, ainda que esse enunciado tenha sido citado literalmente. Tal alteração pode ser atribuída às diferenças co-textuais e contextuais existentes entre os textos. Por outro lado, na perspectiva discursiva, quando

⁴ A esse respeito, vale lembrar que a dificuldade de classificar alguns gêneros está ligada diretamente à sua relativa estabilidade, conforme especialmente as reflexões promovidas pela ótica de Bakhtin sobre a questão.

tratamos da citação de um discurso por outro, é fundamental que consideremos as diferenças entre as condições de produção de cada discurso para que possamos verificar as alterações que um fragmento de um determinado discurso sofreu ao ser citado no interior de outro discurso.

No caso do material em questão, podemos verificar esse fenômeno de uma forma mais ampla, considerando que alguns dos textos que fazem parte do conjunto de textos que compõem a campanha do MST contra os transgênicos são textos “retirados” de outras fontes, como jornais. Mas, como não há nenhuma indicação de que se trata do(s) discurso(s) de(os) outro(s), os textos em questão acabam por ser tomados como filiados à mesma fonte, no caso, a campanha contra os transgênicos. Desse modo, os textos em questão, independentemente da leitura que poderiam receber no meio em que foram inicialmente divulgados, são lidos como textos contrários à liberação e à comercialização dos transgênicos, em função do contexto em que se encontram e dos diálogos que estabelecem nesse meio com os outros textos dessa campanha.

Do ponto de vista constitutivo, percebemos que o discurso antitransgênicos se constrói a partir de dois discursos, em especial, com os quais mantém relações de adesão: um discurso político, mais exatamente o discurso de esquerda, e o discurso científico. Desses, há a predominância do discurso de esquerda, visto que está presente em mais da metade dos textos do *corpus*. Além disso, notamos também que em vários textos (36%) se faz menção à Monsanto, a multinacional de produtos agropecuários que produz as sementes de soja transgênica plantadas no país, e ao herbicida a ela associado. Na campanha em análise, os transgênicos estão diretamente associados aos interesses das multinacionais, por isso, os textos que fazem menção à Monsanto reforçam a tendência da campanha de se desenvolver no terreno político, por meio de enunciados típicos de um discurso de esquerda, contrário à expansão do capital, tais quais os enunciados dos fragmentos abaixo:

(01) “(...) o que está em disputa não é só o uso de um conhecimento e um instrumento tecnológico, mas sim dois modelos de desenvolvimento rural: “um centrado no latifúndio, controlado pelos grandes grupos multinacionais e baseados nas monoculturas dependentes dos insumos químicos e outro centrado nas pequenas e médias unidades de produção agropecuária (...)”. (Agricultores gaúchos pretendem plantar soja transgênica com ou sem lei)

(02) “A insistência das empresas multinacionais em liberar as sementes transgênicas está ligada unicamente à sua necessidade de aumentar o lucro. Pois apenas dez empresas controlam essas sementes em todo o mundo.” (A herança envenenada de FHC)

(03) “Estamos enfrentando uma nova fase da dominação capitalista no campo. Fruto das revoluções tecnológicas ocorridas nos últimos anos (...), as grandes empresas fornecedoras de insumos para a agricultura estão se modernizando e buscando novas formas de garantir e ampliar seus mercados consumidores, além de garantirem a dependência dos agricultores aos seus produtos. Podemos considerar este processo como a globalização chegando ao campo de maneira mais contundente.” (Posição do MST sobre os transgênicos)

(04) “As pesquisas de sementes e produtos transgênicos realizadas pelas empresas visam apenas aumentar suas taxas de lucro e não melhorar o bem estar da população”. (Dez razões para ser contra os produtos transgênicos)

(05) “O domínio da biotecnologia e o uso dos transgênicos está levando a um processo de controle oligopólico em todo mundo, das sementes por parte de apenas oito grandes grupos econômicos.” (Dez razões para ser contra os produtos transgênicos)

(06) “O racionalismo industrial vigente sempre se antecipa, induz, desvia e conduz os processos como deseja. As empresas estão interessadas em mercado para os seus produtos e contam com aliança dos governos locais.” (Engenharia genética ou marketing)

(07) “(...) prevê-se a rápida diminuição da pequena e média agricultura que serão dominadas pelo monopólio da produção das empresas transnacionais.” (O risco dos transgênicos)

(08) “Formam-se gigantescos conglomerados empresariais, que dominam ao mesmo tempo o setor de sementes e agrotóxicos tornado-se o mercado sujeito a uma perversa oligopolização.” (Quem e para quê se produz *(sic.)* transgênicos)

(09) “É possível ter sementes e alimentos sadios (...) sem depender de transgênicos. A fome existente no mundo e no Brasil não é decorrente da falta de alimentos, mas do modelo econômico concentrador de renda e de riqueza que impede muitas pessoas de terem acesso aos alimentos necessários para uma vida saudável.” (Dez razões para ser contra os produtos transgênicos)

Quanto ao fato de estarmos considerando os enunciados em questão como

representativos do discurso de esquerda, remetemo-nos a Motta e Possenti (2008). Nesse trabalho, a partir das reflexões de Bresser-Pereira (2007), os autores comparam o discurso de esquerda ao da direita, e afirmam que, nos termos de uma semântica global (Maingueneau, 2005), /igualdade/ e /justiça/ seriam os semas fundamentais do discurso de esquerda, enquanto os de direita seriam /diferença/ e /ordem/. Para esses discursos, semas secundários seriam os relativos ao papel da Sociedade (maior para a esquerda), do Estado (maior para a esquerda, para corrigir desigualdades sociais; para direita, só é maior quando se trata de impor a ordem) e do Mercado (menor para a esquerda). Desse modo, um posicionamento típico de esquerda é priorizar a justiça social. Considerando especialmente como deve ser o papel do Mercado na ótica da esquerda, podemos reconhecer também que é característico do posicionamento de esquerda não aceitar os avanços do capital, que podem gerar, desse ponto de vista, mais injustiça e desigualdade social; disso decorre a relação entre os enunciados citados e o discurso de esquerda.

Considerando fragmentos como os citados, compreendemos que ser contrário aos transgênicos é ser contrário aos interesses das multinacionais, ao seu crescimento e, conseqüentemente, ao modelo econômico que as sustenta, o que é, obviamente, condizente com o posicionamento ideológico do MST, favorável à reforma agrária, à pequena agricultura, e contrário à formação de monopólios.

Outro discurso que também é convocado para compor o discurso contra os transgênicos é o discurso científico, presente nos textos da campanha em análise especialmente por meio de citações (diretas ou indiretas) de trabalhos de agrônomos, de ambientalistas, de algum especialista, enfim. Vejamos alguns exemplos:

(10) “O Dr. Mohamed Habib, 61 anos, é um dos maiores especialistas em biologia vegetal no País. Egípcio de nascimento, Habib vive há 31 anos no Brasil e é professor titular do Instituto de Biologia da Unicamp. Nesta entrevista, ele desmonta os principais argumentos daqueles que defendem a liberação da soja transgênica. E é direto ao afirmar: ‘Trata-se de um crime ambiental!’.” (O governo entrou na arapuca dos transgênicos)⁵

(11) “Vários integrantes e intelectuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), (...) estão preocupados com a questão da Soja RR e estão elaborando e

⁵ Nessa entrevista, nota-se também a presença do discurso político de esquerda; por exemplo: “a ciência é utilizada pelos poderosos para dominar o mundo. Ciência muitas vezes é dominação, é concentração de riquezas às custas da miséria.”

divulgando materiais contra esta tecnologia (...).” (O que pensam a comunidade científica e as entidades de defesa do consumidor sobre os transgênicos).

(12) “Pesquisas realizadas nos Estados Unidos vêm demonstrando que a soja transgênica resistente a herbicida tem produtividade entre 5 e 10% menor do que a soja convencional (Elmore ET.al., 2001 e Bendrook, 2001a). Nas outras culturas transgênicas, o saldo de produtividade tem sido menor ou igual ao das plantas convencionais (Fulton e Keyowski, 1999; Bendbrook, 2002, www.iatp.org; Shoemaker, 2001).” (Monsanto veicula propaganda enganosa)

De modo geral, no discurso contra os transgênicos, o discurso científico afirma que os transgênicos são nocivos ao meio ambiente e à saúde do homem, além de afirmar também que eles não apresentam as vantagens que lhes são atribuídas por aqueles que os defendem. Sendo assim, ser contrário aos transgênicos é uma questão de defesa do meio ambiente e da saúde do homem, conforme atestam os especialistas (isto é, os representantes da ciência convocados; no caso em questão, os especialistas entrevistados ou os trabalhos científicos citados).

Esses discursos que constituem o discurso do MST contra os transgênicos desfrutam de um *status* singular no que diz respeito à diversidade das práticas discursivas de uma sociedade. O discurso científico é um discurso constituinte, nos termos de Maingueneau (2006). Os discursos constituintes são aqueles que não reconhecem outra autoridade que não a sua própria, que não admitem quaisquer outros discursos acima deles. Eles se definem pela posição que ocupam no interdiscurso, pelo fato de não reconhecerem discursividade para além da sua e de não poderem se autorizar senão por sua própria autoridade. São discursos ligados a algum absoluto, que funciona como uma fonte legitimadora acima da qual não se reconhece nenhuma outra existência; por exemplo, no caso do discurso científico, temos a Razão, a Verdade.

Tendo em vista essas propriedades, são discursos que constituem os que não desfrutam do mesmo *status*. São, portanto, discursos que dão sentido aos atos da coletividade, como no caso do discurso antitransgênicos. Assim, os discursos constituintes são, ao mesmo tempo, *auto* e *heteroconstituintes*, ou seja, exercem um papel constituinte em relação a outros discursos somente porque se constituem legitimando rigorosamente sua própria constituição.

Já o discurso político, embora não seja um discurso constituinte propriamente

dito, é um discurso cujas propriedades o aproximam dos constituintes, segundo Maingueneau (2010). Embora não seja um discurso que possa legitimar-se sozinho, o discurso político, como os constituintes, pretende se dirigir a qualquer homem, embora só mobilize efetivamente conjuntos restritos de indivíduos. Ou seja, trata-se de um discurso que pretende ser relacionado ao conjunto da coletividade, apesar de ser elaborado em uma comunidade restrita. Além disso, Maingueneau (2010) nota que os discursos constituintes e o discurso político têm mesmo uma relação especial, pois o discurso político normalmente convoca algum discurso constituinte para a sua legitimação, o que leva o autor a afirmar que o discurso político tem um *status* ambíguo: ele parece atraído em direção aos discursos constituintes, mas sem fazer parte deles. Assim, o discurso político mantém uma relação de tropismo com os constituintes.

Tendo em vista esses esclarecimentos, entendemos que os discursos convocados pelo discurso antitransgênicos são discursos que, dado o seu *status* privilegiado, ajudam a legitimá-lo, reforçando o seu poder persuasivo.

3 Análise do discurso pró-transgênicos

Para a análise do discurso pró-transgênicos, conforme já dito, selecionamos os textos que a Monsanto disponibiliza sobre o tema em seu *site*. A Monsanto, a empresa multinacional de produtos agropecuários que detém o monopólio dos transgênicos no Brasil, é também a líder mundial em biotecnologia, o que explica o fato de ser constantemente alvo de campanhas contrárias ao uso dos transgênicos na agricultura. A esse respeito, vale mencionar um documentário⁶ sobre a empresa que pode ser acessado inclusive no *Youtube*, no qual se relatam não só os riscos relativos aos produtos ligados aos transgênicos, como também casos de contaminação ambiental e humana, que, conforme o documentário, são de responsabilidade da Monsanto. Em linhas gerais, trata-se de um documentário altamente desfavorável à Monsanto, que a representa como uma empresa ludibriadora, preocupada somente com os seus próprios lucros.

A respeito dos textos da Monsanto sobre os transgênicos, destacamos especialmente os folhetos que a empresa disponibiliza em seu *site* no *link* “publicações”,

⁶ O documentário se intitula “O mundo segundo a Monsanto” e se baseia no livro homônimo da jornalista francesa Marie-Monique Robin.

que, por sua vez, encontra-se no *link* “institucional”⁷. No *link* em questão, há vários textos sobre biotecnologia, dentre os quais destacamos especialmente os que se encontram reunidos sob o título “Folhetos – Transgênicos. Para ter opinião tem que ter informação”.

A análise revela que o discurso da empresa sobre os transgênicos baseia-se, especialmente, em três teses, a saber: (i) os transgênicos são uma ótima alternativa para a agricultura, porque aumentam a produtividade e diminuem o uso de agrotóxicos; (ii) os transgênicos são seguros para a saúde humana; (iii) os transgênicos auxiliam na preservação do meio ambiente.

Um dos discursos a partir dos quais o discurso em questão se constitui é o discurso científico, que é, conforme mencionado, um discurso constituinte. Mais exatamente, além das citações de cientistas presentes nos textos da empresa a respeito dos benefícios dos transgênicos, uma primeira análise da materialidade desse discurso permitiu verificar que o discurso da empresa assume características do discurso científico, tais como ausência de marcas de subjetividade (como modalizadores e evidenciais que indicam a presença do sujeito-falante⁸), predomínio de asserções categóricas. Isso imprime ao discurso da Monsanto o tom da neutralidade, da imparcialidade e da objetividade, o que lhe reforça o poder persuasivo.

Além dessas relações de convergência, considerando o dialogismo constitutivo, interessa-nos especialmente as relações de embate e de recusa que o discurso da Monsanto mantém com o discurso antitransgênicos, ao qual não é alheio, apesar de combatê-lo sem assumir explicitamente esse combate. Assim, em seus textos, a outra voz, a do discurso antitransgênicos não está presente na superfície discursiva, embora possa ser recuperada, tendo em vista as relações dialógicas que há entre os discursos envolvidos.

Na verdade, o discurso pró-transgênicos da Monsanto ao se dirigir ao seu objeto, os transgênicos, também se dirige ao discurso do outro, o discurso antitransgênicos. A esse respeito, vale lembrarmos que todo discurso sempre encontra o objeto para o qual está voltado

⁷ Disponível em: [<http://www.monsanto.com.br/institucional/publicacoes/publicacoes.asp>].

⁸ A respeito dos efeitos de sentido relativos aos modalizadores e aos evidenciais, indicamos os trabalhos de Dall’Aglio Hattner sobre esses temas, tal como Dall’Aglio Hattner (2001).

já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. O objeto está amarrado e penetrado por ideias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações. *Orientado para o seu objeto, o discurso penetra neste meio dialogicamente perturbado e tenso de discursos de outrem, de julgamentos e de entonações* (BAKHTIN, 1990, p.86; grifo nosso).

Desse modo, cada fragmento desse discurso pode ser tomado como uma resposta ao discurso antitransgênicos. Por exemplo, o título que agrupa os folhetos que a Monsanto disponibiliza para “informar” os interessados em formar uma opinião sobre os transgênicos responde ao discurso antitransgênicos, manifestando em relação a ele uma posição específica sobre uma questão específica. No caso, a questão é como avaliar os transgênicos; a posição, a princípio, é a de que só é possível dizer algo sobre esse assunto (“ter opinião”, nos termos do discurso da Monsanto) se houver as informações necessárias para a formação do julgamento (“tem que ter informação); essas informações, no caso em questão, são informações fornecidas especialmente pelos cientistas que a Monsanto convoca para discorrer sobre o assunto, os quais, obviamente, também avaliam os transgênicos de um modo claramente positivo.

Ora, se consideramos os enunciados contra os transgênicos que circulam atualmente, então o título desse folheto em análise pode ser lido como uma resposta às acusações feitas por tais enunciados aos transgênicos. Assim, o que o título menciona, considerando as relações dialógicas que mantém com os enunciados que lhe contradizem, é que “os que são contrários à produção e à comercialização dos transgênicos só tem essa postura porque são mal informados, porque não conhecem a verdade sobre os transgênicos, isto é que, eles são uma ótima alternativa para a agricultura mundial, que eles fazem bem ao meio-ambiente, que eles não fazem mal à saúde humana, etc.”.

O mesmo ocorre com relação a outras afirmações desse discurso. Assim, cada uma das teses da Monsanto sobre os transgênicos não deixa de ser uma resposta que polemiza com o conteúdo asseverado pelo discurso antitransgênicos, conforme podemos conferir pela tabela abaixo:

Tabela 1: teses da Monsanto sobre os transgênicos x discurso antitransgênicos

Tese veiculada pela Monsanto	Fragmentos extraídos do site da Monsanto	Fragmentos do discurso anti-transgênicos com os quais polemiza
Os transgênicos são uma ótima alternativa para a agricultura, porque aumentam a produtividade e porque diminuem o uso de agrotóxicos.	<p>1) “O cultivo de plantas transgênicas ajuda a aumentar a produtividade agrícola (...)” (Transgênicos. Para ter opinião, tem que ter informação⁹)</p> <p>2) “A diminuição do número de aplicações de agrotóxicos na plantas transgênicas em relação às plantas convencionais é tão significativa que, segundo estudos do NCFAP, os EUA podem colher 7 milhões de toneladas de alimento a mais, utilizando 80 mil toneladas a menos de pesticidas.” (Transgênicos. Para ter opinião, tem que ter informação)</p> <p>3) “O algodão transgênico (...). Por ser mais eficiente, essa tecnologia também auxilia na diminuição do acúmulo de agrotóxicos nos rios e águas costeiras”. (Transgênicos. Para ter opinião, tem que ter informação)</p>	<p>1) “As sementes transgênicas não estão ligadas ao aumento da produtividade, mas, sim, ao necessário uso de agrotóxicos produzidos pelas mesmas empresas!” (Transgênicos – A herança envenenada de FHC)</p> <p>2) “Os transgênicos (...) podem (...) aumentar os níveis de agrotóxicos permitido pela legislação”. (Transgênicos: principais consequências dos transgênicos)</p> <p>3) “Pelo contrário, as plantas resistentes a herbicidas têm consumido maiores quantidades de herbicida do que as convencionais (...)” (Transgênicos: Monsanto veicula propaganda enganosa)</p>
Os transgênicos são seguros para a saúde humana.	<p>1) “Os alimentos transgênicos aprovados para consumo têm as mesmas características de composição dos convencionais e não trazem novos riscos de alergia. Pelo contrário: o benefício em potencial que os transgênicos devem trazer no futuro será o de possibilitar a redução ou a remoção de substâncias causadoras de alergias das plantas e dos alimentos.” (Transgênicos. Para ter opinião, tem que ter informação: saúde e segurança alimentar¹⁰)</p> <p>2) “Hoje, estima-se que mais de 2 bilhões de pessoas consomem transgênicos em todo o mundo, sem nenhum registro de dano para a saúde humana ou animal. Esses resultados foram obtidos em mais de 20 anos de pesquisas por várias instituições reconhecidas mundialmente, como a Organização para Alimentos e Agricultura (FAO/ONU), a Organização Mundial da Saúde</p>	<p>1) “Os transgênicos (...) podem provocar alergias alimentares (...)” (Transgênicos: principais consequências dos transgênicos)</p> <p>2) “(...) estudos da Royal Society do Reino Unido em 2002 recomendaram ao governo inglês especial atenção aos alimentos transgênicos destinados à alimentação infantil ou de nutrízes, pelos riscos que podem representar.” (Monsanto veicula propaganda enganosa)</p>

⁹ [http://www.monsanto.com.br/institucional/publicacoes/materiais_bioteecnologia/pdf/Folheto_geral.pdf]

¹⁰ [http://www.monsanto.com.br/institucional/publicacoes/materiais_bioteecnologia/pdf/Folheto_alimentar.pdf].

	(OMS), academias de ciência em vários países do mundo.” (Transgênicos. Para ter opinião, tem que ter informação)	
Os transgênicos auxiliam na preservação do meio ambiente.	<p>1) “A tendência é que esse número aumente cada vez mais, já que essa tecnologia permite (...) preservar mais o meio ambiente (...)” (Transgênicos. Para ter opinião, tem que ter informação)</p> <p>2) “O cultivo de plantas transgênicas (...) contribui para a conservação dos ecossistemas, da biodiversidade, da vida selvagem e das florestas para as gerações futuras. Outro ponto importante é a possibilidade de produzir mais no mesmo espaço de terra, evitando-se a devastação de novas áreas.” (Transgênicos. Para ter opinião, tem que ter informação)</p>	<p>1) “Paralelamente, têm-se verificado que as plantas Bt podem prejudicar insetos benéficos, afetando ao equilíbrio ambiental (Losey, 1999; Hansen e Obrycki, 1999).” (Monsanto veicula propaganda enganosa)</p> <p>2) “O Dr. Mohamed Habib, 61 anos, é um dos maiores especialistas em biologia vegetal no País. Egípcio de nascimento, Habib vive há 31 anos no Brasil e é professor titular do Instituto de Biologia da Unicamp. Nesta entrevista, ele desmonta os principais argumentos daqueles que defendem a liberação da soja transgênica. E é direto ao afirmar: “Trata-se de um crime ambiental!” ” (O governo entrou na arapuca dos transgênicos)</p>

Considerando esse diálogo, o discurso pró-transgênicos veiculado pela Monsanto polemiza de modo velado com o discurso antitransgênicos. Segundo Bakhtin, nesse tipo de polêmica, o discurso está, como qualquer outro, orientado para o seu objeto, mas

qualquer afirmação sobre o objeto é construída de maneira que, além de resguardar seu próprio sentido objetivo, ela possa atacar polemicamente o discurso do outro sobre o mesmo assunto e a afirmação do outro sobre o mesmo objeto. Orientado para o seu objeto, o discurso se choca no próprio objeto com o discurso do outro. [...] na polêmica velada o discurso do outro é repellido e essa repelência não é menos relevante que o próprio objeto que se discute [...] (1997, p.196).

Desse modo, o discurso da Monsanto, ao nomear, ao representar, enfim, ao enunciar sobre os transgênicos ao seu modo, ataca indiretamente o discurso anti-transgênicos, entrando em conflito com ele “como que no próprio objeto” (BAKHTIN, 1997, p.196). De acordo com Bakhtin, nesse caso, a ideia do outro não entra tal como se apresenta no discurso, mas nele se reflete, determinando-lhe o tom e a significação, pois “o discurso sente tensamente ao seu lado o discurso do outro falando do mesmo objeto e a sensação da presença deste discurso lhe determina a estrutura” (BAKHTIN, 1997,

p.196).

Enquanto o discurso pró-transgênicos polemiza veladamente com o anti-transgênicos, esse discurso, por sua vez, polemiza com aquele de modo explícito, ao fazer menção à Monsanto e/ou a seus produtos, o que faz refutando as teses do discurso pró-transgênicos, conforme atestam os exemplos que foram citados no item 2 e na terceira coluna da tabela 1.

Considerações finais

Neste trabalho, analisamos alguns aspectos do discurso pró e o antitransgênicos, tendo como foco as relações que os discursos estabelecem com outros, em sua constituição. Assim, considerando o modo como cada um desses discursos dialoga com o seu outro constitutivo, notamos que o discurso pró-transgênicos veiculado pela Monsanto polemiza de modo velado com o discurso antitransgênicos, veiculado por entidades ligadas à Campanha “Por um Brasil livre de Transgênicos”, como o MST. Já o discurso antitransgênicos, por sua vez, polemiza abertamente com o pró-transgênicos. A esse respeito, fazemos a seguinte ressalva: considerando a tese do dialogismo, importa-nos menos identificar as etapas de desenvolvimento do debate por eles travado (por exemplo, qual o discurso que fez o primeiro movimento) e mais o modo como esses discursos se constituem mutuamente, contradizendo-se, que é o que realmente nos possibilita compreendê-los. Portanto, para analisar esses discursos, o imprescindível é considerar efetivamente como eles mantêm relações especiais com certos discursos.

Verificamos ainda que o discurso antitransgênicos, construído também a partir do discurso político de esquerda, tende a combater os transgênicos no terreno político, asseverando que os transgênicos servem aos interesses das multinacionais e ao modelo econômico que as sustenta e promove a formação de monopólios, o que prejudica a pequena agricultura e a reforma agrária.

Além disso, notamos que ambos os discursos se constituem a partir de um *discurso constituinte*, isto é, o discurso científico, que auxilia na legitimação desses discursos. A esse respeito, considerando que os transgênicos são um produto científico ainda recente, a respeito do qual a comunidade científica não tem uma opinião unânime, parece-nos que a presença do discurso científico nesses discursos pode ser considerada

como um tema imposto, nos termos de Maingueneau (2005). Isso está relacionado a um universo *a priori* aceito por ambas as partes, sem o qual os discursos em questão não podem polemizar, pois, para que a polêmica se estabeleça, é preciso mesmo que haja um terreno ideológico comum. Se não fosse esse o caso, os discursos em questão seriam indiferentes entre si.

A esse respeito, Maingueneau entende que a polêmica só se sustenta com base na convicção de que existe um código que transcende os discursos antagônicos, reconhecido por eles, que permitiria decidir entre “o justo e o injusto” (MAINGUENEAU, 2005, p. 115). Tem-se, assim, a figura do árbitro, da instância que “não é nem um nem outro, vale dizer, da utopia de uma posição que seja parte interessada do conflito e exterior a ele. Seja o Papa, o partido, os sábios, o bom senso... deve existir em algum lugar algum tribunal habilitado a decidir” (MAINGUENEAU, 2005, p.115). Parece-nos, então, que, na disputa em questão, esse papel cabe à ciência, árbitro ou juiz que sustenta a polêmica sem dar a sentença final, sob a pena de ela se encerrar.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. A. Bernardini [et. al.]. 2. ed. São Paulo: Ed. da UNESP/HUCITEC, 1990.
- _____. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. P. Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- BRESSER-PEREIRA, L.C. Esquerda nacional e empresários na América Latina. *Lua Nova*, São Paulo, n.70, p.83-100, 2007.
- DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Modalidade e evidencialidade: forma e função. Relatório Científico. FAPESP/UNESP, 2001. 59p.
- FARACO, C.A. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 161-193.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Trad. F. Indursky. Campinas: Pontes & Editora da UNICAMP, 1989.
- _____. *Gênese dos discursos*. Trad. S. Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.
- _____. *Cenas de enunciação*. S. Possenti e M. C. P. Souza-e-Silva (Orgs.). Curitiba:

Criar Edições, 2006.

_____. *Doze conceitos em análise do discurso*. M. C. P. Souza-e-Silva e S. Possenti (Orgs.). São Paulo: Parábola, 2010.

MOTTA, A.R.; POSSENTI, S. Direita e esquerda: volver! In: 1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso, 2008, Maringá. *Anais eletrônicos...* Maringá: UEM, 2008. Disponível em: [<http://www.dle.uem.br/jied/pdf/DIREITA%20E%20ESQUERDA%20motta%20e%20possenti.pdf>]. Acesso em: 21/01/2009.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. E. P. Orlandi [et. al.]. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas (1975). In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. B. S. Mariani [et.al.]. 2. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993, p.163-252.

POSSENTI, S. Observações sobre interdiscurso. *Revista Letras*, Curitiba, n.61, p.253-269, 2003.

Recebido em 13/01/2011

Aprovado em 23/02/2011